

Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva: Algo de sua vida e obra, máxime no Rio Grande do Sul.

Arthur Rabuske, S.J.
São Leopoldo

Summary

Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva; His life and work.

The author analyses and looks through the life and works of Santos Saraiva, a wise Portuguese priest (ex-priest), who came to Brasil a century ago, and here he settled down and worked. Santos Saraiva was a philologist, scientist, professor, poet, polemic debater, translator and exegete. Through his work and attitudes Santos Saraiva mirrors the situation of the Church in Brasil during the second half of the last century. The author depicts with historical objectivity the drama this priest had to undergo in his life. The article questions us whether the present structures of the Church really favor the growth of the faith, or, on the other hand, these structures are not responsible for many other dramas like the one of Santos Saraiva.

“Ao retirar-me, pois, da sociedade, tive o propósito de passar o resto dos meus dias no silêncio, posto que na alma me volteassem **verdades amargas** que dizer” (Citação em “O Sábio das Picadas”, p. 11).

“Ao escrever este prólogo, pensava o autor ser-lhe permitido continuar a viver no seu retiro, último refúgio dos derradeiros dias de vida; quis, porém, a desventura que, arrancado d’aqui, ficasse de novo exposto a **tragar as amarguras** que a sociedade, nos seus refinamentos, costuma propinar a certos caracteres independentes e intransigentes, embora justos e corretos” (Ibidem, p. 50-51).

Introdução

Estas palavras saíram da pena dolorida ou do coração ressabiado de F. R. dos Santos Saraiva em 1888. Isso no prefácio de um seu opúsculo, dado à estampa em 1889, no Rio de Janeiro e a partir de São José ou das "Picadas do Norte", logo defronte à Desterro ou Florianópolis atual.

O título da obra era "A BURLA CATÓLICA ROMANA OU O FLAGELO LEGAL DA SOCIEDADE", reimpressa aliás em 1932 pelo de "O CATOLICISMO ROMANO OU A VELHA E FATAL ILUSÃO DA SOCIEDADE". Nesta edição seguem-se-lhe de imediato, embora em página diferente, os dizeres: "Aos amigos sinceros da **Humanidade** dedica o Autor" (Sublinha aqui, como acima, nossa).

Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva ou simplesmente o "Santos Saraiva", seu autor, vem a ser de certo um nome conhecido para aqueles que, entre nós, algum dia estudaram Latim e precisaram consultar um dicionário realmente bom e completo "Latino-Português", para dirimir qualquer dificuldade de interpretação de algum texto ciceroniano ou não. Trata-se, sem exagero qualquer, do melhor léxico no gênero que se tenha feito tanto em Portugal como no Brasil.

Pois bem, se agora, por uma razão ou outra, quiséssemos saber quem foi em vida o autor das obras acima citadas, topariamos com não pequenas dificuldades ou surpresas na consulta de dicionários e enciclopédias. Ou se omitem quanto ao Santos Saraiva, ou, lembrando-o, fazem-no de maneira insatisfatória. Mencionemos quanto ao primeiro caso a "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", da Editorial Enciclopédia, Ltda., de Lisboa e Rio de Janeiro! E, para o segundo caso, o "Lelo Universal" e a "Grande Enciclopédia Delta-Larousse", do Rio de Janeiro de 1972!

Observa quanto a isso com acerto o erudito exegeta J. E. Martins Terra, S.J. em sua recente obra "A Oração no Antigo Testamento", quando constata:

"E não deixa de ser paradoxal que esse autor de um dicionário monumental seja ignorado pelos Dicionários" (Op. cit., Edições Loyola, São Paulo, 1974, p. 137, nota 3).

Certo que Martins Terra, se tivesse tido à mão, na hora de escrever essa nota, a bibliografia que logo citaremos, não precisaria haver ficado na incerteza de certos fatos da vida de Santos Saraiva ou limitar-se a várias hipóteses, por finas e argutas que elas se apresentem. Pouco depois, porém, esse mesmo culto autor recebeu a

cópia de uma conferência-artigo sob o título "Saraiva", pronunciada ou elaborada pelo filólogo renomado que foi Napoleão Mendes de Almeida, e foi por gentileza do salesiano P. Garcia, da mesma São Paulo. Com isso muito ter-se-á esclarecido para ele o que antes era dúvida ou simples hipótese. E teve ele a gentileza de remeter ao autor deste a cópia em questão...

Creemos que Napoleão Mendes de Almeida baseou seu trabalho, antes de tudo, em "O Catolicismo Romano ou A Velha e Fatal Ilusão da Sociedade - Introdução de como a Igreja de Roma tem atuado no Brasil, com abundante documentação histórica, por Eliézer dos Santos Saraiva, da Editora "Empresa Editora Brasileira", S. Paulo, 1932 e em "O Sábio das Picadas" (Conferência lida a 15 de setembro de 1938, no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina), bem como publicada pelo mesmo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 1939.

O recurso ao "Dicionário Bibliográfico Brasileiro" de Sacramento Blake ou do Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, em seu 3º volume, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1895, oferece também o verbete de "Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva" (em sua curiosa ordem alfabética por prénomes!) como algo de bastante esclarecedor.

Entre nós, no Rio Grande do Sul, sob "Santos Saraiva", o "Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1903" (organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues, Editores Pinto & Cia. Sucessores de Carlos Pinto & Cia. Suc., Pelotas-Rio Grande - Porto Alegre, p. 21) lembrou também, embora com algum atraso, o desaparecimento do "ex-padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva"...

Pois bem, apesar do acréscimo dessa bibliografia, a vida e obra de Santos Saraiva ainda perdura para nós enigmática sob muitos pontos de vista ou verdadeiramente lacunosa em vários dela. Creemos que o assunto seria digno de uma pesquisa longa e aprofundada. Do tipo daquelas que se fazem em Mestrados ou mesmo Doutorados. Certo, por ora, de que as Letras Lusas e Brasileiras até hoje voltaram de menos as suas atenções para Santos Saraiva, essa figura singular de erudito, sacerdote (ou ex-sacerdote), filólogo, cientista, professor, poeta, polemista, tradutor e exegeta do século XIX.

Neste sentido, ter-se-ia esperado algo mais em 1975 ou no transcurso do 75º aniversário de falecimento do Santos Saraiva. Enquanto nos consta, isso não aconteceu no Brasil e nem ainda em

Portugal, de modo expresso e duradouro. Por justas razões, porém, o mereceria Santos Saraiva.

O impulso inicial, indireto e direto, para o presente trabalho recebemo-lo, no decurso do ano recém-findo, de dois exegetas "ejusdem Societatis" ou seja dos padres J. E. Martins Terra e Balduino Kipper. Contribuições ulteriores para nossas buscas tivemos-las ao depois dos padres diocesanos Ruben Neis e Arlindo Rubert, ambos historiadores. Indicações ou ajudas valiosas obtivemo-las a seguir das ilustres pessoas Dr. Oswaldo R. Cabral, Prof. Lothar F. Hessel, de Pedro Leite Villas-Boas e da sra. Lígia dos Santos Saraiva. Esta professora, que vem a ser a nora de Francisco R. dos Santos Saraiva e esposa do Dr. Eliézer dos Santos Saraiva, pôde dar-nos alguns informes que outrem de certo não teria sido capaz de dar-nos. A todos eles aqui um sincero obrigado!

Do presente trabalho, seja isto observado desde já!, não se poderá esperar muita novidade. O próprio título que o encima, di-lo com bastante clareza. É talvez, em grande parte, por culpa do próprio Santos Saraiva que os dados relativos à sua vida e obra se nos conservem de alguma forma ocultos, retraídos ou quase "misteriosos". Quis ele ficar bastante oculto diante da sociedade e, como de certo modo nô-lo dizem as frases copiadas por nós logo abaixo do título, o "amargo" existencial, que não deixamos de sublinhar, deve tê-lo afastado do convívio geral humano e, ao mesmo tempo, tê-lo decidido a voltar a ele, pelo menos na forma de artigos de jornal, de opúsculos, traduções e aulas.

Visto que nos propusemos expor algo da vida e obra de Santos Saraiva, máxime com respeito à sua dupla passagem pelo Rio Grande do Sul, impôs-se-nos contudo, por diversas razões, o estudo sucinto de sua formação na Europa e de sua estada posterior em vários Estados do Brasil, como em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, em Santa Catarina e São Paulo. Haverá ao menos uma ou outra retificação a fazer em dados oferecidos pelos seus biógrafos até o presente. Nós mesmos tentaremos, concluindo, uma singela interpretação da personalidade singular de Santos Saraiva, perfectível de certo por quem no futuro retomar o tema e se entregar a estudos mais vastos e profundos do que este.

Como apêndice oferecemos ao leitor o trabalho bibliográfico a propósito de Santos Saraiva, que o P. Balduino Kipper, S. J. fez com muito critério e remeteu, recentemente, à redação da "Enciclopédia Verbo", de Lisboa, da qual ele é colaborador. Visto que também essa grande obra se tinha omitido quanto ao Santos Saraiva

e ainda deva esperar-se bastante até o aparecimento de eventuais volumes suplementares, pode bem ser que a publicação desse estudo se mostre bastante útil a novos estudiosos até então.

1. Nascimento, formação e sacerdócio na Europa.

Observa, não sem acerto, J. E. Martins Terra, em "A Oração no Antigo Testamento":

"A vida de Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva é quase tão misteriosa quanto a de J. Ferreira de Almeida (protestante português e tradutor da Bíblia, dito "padre" sem sê-lo!). Nossas melhores enciclopédias relegaram-no a um completo ostracismo. É difícil compreender as razões desse silêncio, pois afinal de contas todo estudante brasileiro, que alguma vez se viu às voltas com o latim, teve que tomar conhecimento com o volumoso "Novíssimo Dicionário Latino-Português, prosódico, mitológico, biográfico", etc. (Havre, 1881). Esse dicionário, redigido segundo o plano de L. Quicherat, teve várias edições e até hoje continua ainda sendo a melhor obra no gênero escrita no Brasil. E não deixa de ser paradoxal que esse autor de um dicionário monumental seja ignorado pelos Dicionários" (1).

Assiste, de fato, muita razão a Martins Terra no concernente às suas observações. Não se faz difícil constatar que Santos Saraiva ainda não teve entre nós os reconhecimentos devidos à sua grande obra filológica. E diga-se mais, com respeito à sua pessoa e vida! Talvez tenhamos uma explicação deste fato a partir da insegurança de muitos dados relativos à sua existência em dois continentes.

Assim sendo, parece que podemos fixar dele, sumariamente, que foi filho de dona Ana Rita Rolla e do sr. Antônio dos Santos Saraiva, rabino espanhol, originário da Síria. Seu nascimento ocorreu em Vila Seca de Armamar, num distrito do Viseu, na província da Beira Alta, em Portugal, aos 22 de fevereiro de 1834. Há quem lhe indique como sua terra natal o Douro e como data de nascimento o ano de 1832: o que se nos afigura menos provável.

Seu próprio filho, Dr. Eliézer, chegou a dizer em sua conferência de 1938 em nota ao texto:

"Temos uma vaga idéia de que entre os seus papéis havia duas certidões de idade, que se contradiziam, quanto ao ano preciso desse acontecimento, documentos esses que lamentavelmente se extraviaram. Acreditamos que não será difícil solucionar oportunamente essa dúvida" (2).

Embora o Dr. Eliézer não tenha vindo a solucionar-nos "essa dúvida", cremos que no Brasil ela hoje será de difícil solução, mas em Portugal, especialmente pela Universidade de Coimbra, o problema deveria poder resolver-se. E, conquanto ele mesmo, em sua conferência, se pronuncie pela data de 22/2/1832, fez grafar contudo na placa de mármore em comemoração do centenário de "O Sábio das Picadas", em São José, SC, o ano de 1834(3)...

Temos do mesmo informantê, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, os preciosos dados que seguem:

"Seu pai, Antônio dos Sanctos (!) Saraiva, que abraçara a vida agrícola, tinha sido um rabino originário da Síria, e passara da Espanha para Portugal, tornando-se cristão-novo (sublinha nossa!). Parece que, antes de se converterem à religião cristã, seus pais o haviam consagrado ao sacerdócio judaico, por voto (de) que haviam feito ao Deus de Abraão, de Isaac e Jacó, mantendo posteriormente o mesmo voto que haviam feito, aliás ao mesmo Deus de seus antepassados, revelado na dispensação do Novo Testamento, e assim dedicaram o seu filho ao sacerdócio católico-romano" (4).

Ocorrem nesta citação, de dados "prováveis" segundo seu autor, alguns pormenores interessantes, de que gostaríamos ter firmeza. Assim, se houve mudança onomástica tanto na genitora como no pai de Santos Saraiva; se dona Ana Rita era lusa ou espanhola; se ambos se converteram do judaísmo ao catolicismo por meras conveniências ou por reais convicções de fé; por que razões o pai fora entregar-se à agricultura em Portugal e se se dera de fato essa consagração "prévia", por promessa, do filho ao sacerdócio judaico e depois ao romano. Certo que, para nós mesmos, tais perguntas ficam irrespondidas...

O próprio Francisco Rodrigues - por que não seria "Rolla"?! - dos Santos Saraiva nos diz quanto à gênese de sua vocação nos inícios de seu "Manifesto" de abjuração sacerdotal, datado talvez de 1875, mas impresso ou reimpresso em 1889 no folheto "Manifesto contendo duas abjurações", a saber "Dos Revmos. Maximiliano Chagas Carvalho, ex-capelão militar e F. R. dos Santos Saraiva, ex-vigário encomendado de S. Francisco de Paula", o que aqui transcrevemos:

"Desde tenros anos fui impressionado pelas exterioridades, que afervoraram, em mim, disposições naturais para as coisas religiosas; os ministros do culto representaram-se-me como tipo de virtude e da santidade, como espécimen da mais perfeita santidade, como o mais seguro prelúdio da celeste bem-aventurança; a meus olhos reinava ali a paz perpétua do Senhor.

Inexperiente, revia-me nos livros decepções e trabalhava com afincos por associar-me àqueles que eu cria mestres da verdadeira ciência, apóstolos da virtude, favorecidos de graças especiais do céu.

Os mesmos fatos, que a história (!) tão justamente condena e fulmina, as coisas que a razão, a consciência e o bom senso repelem, iam achando aprovação em uma alma, já bastante afeiçoada pelo teimoso espírito de seita: a tantos erros sem reflexão arrasta uma alma inexperiente!

Apesar disto, havia em mim um fundo de amor à verdade, com o firme propósito de abraçar onde quer que a topasse" (5).

Em nossa transcrição chamamos a atenção do leitor, com um ponto de exclamação, para a palavra "história", não bastante definida por Santos Saraiva. Custa-nos acreditar que se trate de uma história ou historiografia ilustrada pela fé e iluminada por uma vida verdadeiramente cristã-católica. Gosta ele, aliás, em seus escritos polêmicos de argumentar com "a razão, a consciência e o bom senso"...

Mais tarde, quiçá, escreveu o mesmo Santos Saraiva sobre as vocações sacerdotais o que segue:

"Seria uma impiedade afirmar que a inclinação para a vida de padre é, realmente, uma vocação ou chamamento de Deus, como nô-lo querem impingir; pois, se assim fora, não veríamos uma semelhante superabundância de padres ineptos, devassos ou traficantes, que mais ajudam a condenar a Igreja, de que vivem, do que concorrem a defendê-la; e que, apertados pelo excesso de número, se atravessam uns aos outros, no esforço de ver quem mais apanha. Ao contrário, tudo faz crer que é antes a inclinação para uma profissão, que se antolha vantajosa, ou a esperança de encontrar, na vida eclesiástica, honras, lucros, independência e ociosidade" (6).

Francisco, em sua meninice, parece ter tido na pessoa de seu pai o primeiro professor particular, se não exclusivo ao menos sob certos aspectos, como nos diz uma das versões de seus "Dados biográficos", onde se lê:

"Possuidor de uma memória prodigiosa e de uma inteligência pouco vulgar, começou, em tenros anos, a receber de seu pai, então converso e agricultor, os conhecimentos das línguas semíticas, às quais, à proporção em que se adiantava, ia dedicando mais amor, até que, mocinho, foi assistir às aulas da Universidade de Coimbra, onde se doutorou em Teologia e Direito" (7).

A data de seu duplo doutoramento por vezes se acha indicada para o ano de 1850, outras se diz que era "por volta de 1850"... Mesmo que se queira admitir o ano de 1832, e não o de 1834, como o

do nascimento de Santos Saraiva, estamos diante de muita "precocidade"... Foge às nossas possibilidades acompanhar aqui de perto ou em detalhes o "curriculum studiorum" de F. R. dos Santos Saraiva. A Universidade de Coimbra eventualmente há de esclarecer, um dia, o estágio de formação do nosso biografado...

Nós mesmos perguntaríamos apenas aqui e agora como se teria processado a formação teológica de Santos Saraiva?!... Parece-nos que então ou seja na metade do século passado essa célebre Universidade lusa, a de Coimbra, ainda se tenha achado sob o signo da "reforma universitária" (também eclesiástico-teológica!) prescrita quase um século antes pelo próprio Marquês do Pombal, ou, por outra, de que a Teologia se achasse bastante dominada pelo jansenismo, racionalismo cientifismo e liberalismo, constituindo-se pois, para a Igreja Romana, sob certos aspectos de formação sacerdotal, em verdadeira catástrofe religiosa e pastoral.

Em todo o caso fica para nós aberta a grande questão de o jovem estudante e doutor Santos Saraiva haver gozado ou não de uma verdadeira, vasta, sólida e profunda formação teológica, como deveria ser normal para o clero da Igreja Católica?!...

Seu próprio filho Eliézer considera "bem possível" que o jovem estudante e graduado de Coimbra tenha estado em seguida "no exílio" e fala de "um exílio forçado, decorrente das agitações políticas denominadas a patuléia, que, havia largos anos, vinha perturbando o Reino de Portugal, e em que a juventude de então se achara largamente envolvida" (8).

Esse "exílio", embora para fins de estudos e ulterior formação, ocorreu para Santos Saraiva em Londres e não nos fica esclarecido se se deu antes ou depois de sua ordenação sacerdotal. Ele mesmo restringe-se a informar-nos simplesmente ou quase laconicamente em seu "Manifesto...":

"Fui ordenado de presbítero; e, à semelhança daquele que não se levanta senão depois de cair, achei-me em breve (!) iludido nas minhas esperanças espirituais; a reflexão começou então a preocupar-me o espírito; entrei no tirocínio da observação; a desilusão, porém, foi gradual e lenta, pelo receio de ser precipitado e injusto. Deixei que o tempo e a experiência, sempre crescente, me abrissem completamente os olhos, até riscarem-me do espírito a menor dúvida" (9).

Antes, porém, de acompanhá-lo a Londres, pareceu-nos oportuno fixar a nossa atenção na hipótese, aduzida por seu próprio filho com respeito à "patuléia", da qual Santos Saraiva eventualmente

teria participado em seus tempos conimbricenses... Isso nos parece importante examinar, embora falte a nós o instrumental preciso para tanto, pois Santos Saraiva se nos revela, no Brasil dos anos de 1860 a 1890, um verdadeiro democrata, republicano, liberal, anti-escravista e anti-(regalista) imperialista (!) por antecipação... Por isso mesmo vão aqui alguns dados esparsos com respeito à índole do Partido Popular Português, fundado em 1836 e designado de "patulêia" na revolução de 1846. Essa, especialmente, a designação dada à esquerda do liberalismo português, que era radical e também se chamava "setembrista", desde que a revolução de setembro de 1836 levara ao poder esse partido, cuja doutrina política consistia na adoção da Constituição de 1822, que rodeava a realeza de instituições republicanas.

Não saberíamos dizer se Santos Saraiva esteve metido na política partidária de seu país e até que ponto o Partido Popular Português o influenciasse em questão de ideologia política, embora seu comportamento no Brasil pré-republicano pareça apontar para tais simpatias, influências ou ao menos afinidades.

Depois de sua formação em Coimbra, que parece ter chegado a seu término em idade não muito superior aos vinte anos, Santos Saraiva de certo ainda não pôde ordenar-se presbítero desde já, porque ainda não tinha alcançado a idade canônica de 24 anos... Indubitável se afigura que ele, depois disso - se já padre ou se ainda não: eis algo que ignoramos! - seguiu para Londres, "onde, em contato com as mais célebres capacidades da época, se entregou ao estudo do Fenício, do Hebraico, aprofundando-se no Latim, no Siríaco, no Árabe e no Grego. Conhecia os idiomas do norte da Europa, escrevia com correção as línguas neolatinas, falando muitas delas, e até o Chinês não lhe era inteiramente desconhecido. Fez ainda o curso de ciências, praticando, com especialidade, a Numismática e Paleografia" (10).

O autor de "O Sábio das Picadas" ainda acrescenta a isso que não deixou "A Minerologia e Botânica de ser campo de suas pesquisas, embora não se tivesse nelas especializado" (11).

A tais informes Sacramento Bláke acrescenta ainda outros, que o leitor não terá dificuldades em descobrir na seguinte citação:

"...Memória admirável, inteligência rara, sendo instruído por seu pai nas línguas semíticas e todo dedicado à linguística desde os estudos eclesiásticos, durante os quais deu-se ao exame dos textos sagrados e à poesia, demonstrando veia abundante e melodiosa, passou à Londres, onde conviveu com os mais notáveis orientalistas, adquiriu conhecimentos excepcionais do Hebraico, do Sânscrito, do

Árabe, Siríaco, Latim, Grego e idiomas do norte da Europa que fala e escreve corretamente, e algumas noções de Chinês, que lhe permitiam decifrar os trezentos caracteres radicais da língua literária e clássica. Versado, em suma, nas línguas que têm códigos escritos, o é também na fenícia, língua morta, de que mais de uma vez serviu-se em Portugal para confundir os semi-sábios, rindo-se dos equívocos em que os apanhava.

É profundo nas ciências teológicas e filosóficas; deu-se ao estudo da Mineralogia, da Botânica, da História, da Numismática, da Paleografia, da Filologia e de outros ramos do conhecimento humano.

É curioso ouvir o padre Saraiva discursar sobre todas as questões da nossa época, diz o "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro, que tenho agora à vista, de 15 de outubro de 1887: "Da erudição moderna salta para a antiga; compulsa todas as línguas e autores; compara os homens, as civilizações, as épocas. É como uma enciclopédia viva, raciocinadora, vendo tudo das serenas regiões do espírito e lançando a sua nota particular com o sorriso de Cervantes e Rabelais, que lhe paira sempre nos lábios. Depois de estar em Londres foi à Roma..."(12).

Santos Saraiva, na primeira parte de seu livro "O Catolicismo Romano...", capítulo 6º, lembra - não sabemos se por experiência própria!? - na penúltima alínea dele o "bem conhecido ditado italiano: "Roma veduta, fede perduta"(13)...

Até aqui os dados principais que pudemos coligir quanto ao nascimento, formação e sacerdócio de Santos Saraiva na Europa, onde se deve ter demorado até por volta de 1860. Lícito se nos faz concluir que gozou do privilégio de longa e vasta formação onímoda. Segundo Sacramento Blake, ele dava na vista de muitos, tanto na Europa como no Brasil, de modo que, vinha a ser "um dos homens mais extraordinários, sem exceptuar os sábios mais célebres da Europa, como disse o Imperador D. Pedro de Alcântara" (14).

Sendo esse o preparo intelectual e científico de Santos Saraiva, pergunta-se agora, não sem oportunismo, por que teria ele deixado a pátria lusa, quando lhe acenava uma brilhante carreira eclesiástica, científica ou universitária?!... Seria por motivos políticos, por questões de desconfiança do seu bispo ou por falta de aceitação de quem era filho de cristão novo, ou por que seria?... Não o sabemos a partir do que até hoje narraram os seus biógrafos. No seu "Manifesto" diz ele de si mesmo o que talvez aqui tenha sua aplicação: "Não dissimulei as minhas idéias; meu modo de pensar era conhecido"(15).

2. Em diversas Províncias, respectivamente Estados do Brasil.

Santos Saraiva passou como que a metade de sua vida em diversas Províncias do Brasil Imperial e também, sobrevinda a República, em vários Estados Brasileiros.

Segundo a ordem ocorre-nos mencionar Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul (pela 2ª vez!) e São Paulo. Isso dos anos que vão desde 1860 a 1900 (3 de julho). Entre os anos de 1865 a 1870, aproximadamente, deve situar-se seu retorno à pátria lusa, para fins de recreio ou matar saudades e em viagem de estudos. O prazo mais longo de sua vida passada nalgum "Estado" do Brasil parece somar quinze anos e deu-se em Santa Catarina ou, mais de perto, nas Picadas do Norte, em São José, defronte a Florianópolis. Mas vejamos de tudo isso algo de modo mais detalhado!

2.1. Em Minas Gerais, de 1860 a talvez 1862.

"Anos depois" (naturalmente depois de sua formação!), diz-nos o seu biógrafo, "sulcando os mares, deixou as terras pátrias e veio fixar morada no Brasil. Em 1860 desempenhou o cargo de capelão católico entre os ingleses, na Companhia de Mineração de Morro Velho, na então província de Minas Gerais. Lá ficou até que, transferindo a sua residência, aparece em 1866(!) na província do Rio Grande do Sul, como vigário encomendado de S. Francisco de Paula" (16).

Veremos logo abaixo, no item 2.2., que a data de 1866 não pode ser correta!

A razão de sua presença e passagem por Minas entrevemo-la no fato de seus conhecimentos da língua inglesa.

Mais interessante nos parece contudo o informe que seu filho, o Dr. Eliézer, dá de seu pai em Morro Velho, dizendo em "O Catolicismo Romano...":

"O primeiro marco da evolução do seu espírito manifestou-se quando, ainda capelão católico nas minas de Morro Velho, na província de Minas Gerais, em 1861, traduzia uma obra francesa intitulada: "Jesus Cristo, por sua tolerância e brandura, modelo dos legisladores", impressionado pelos surtos de intolerância, que havia observado no seio do clero, a que pertencia.

Nessa obra, que (em 1932!) ainda se encontra inédita, diz ele, justificando o seu empreendimento: "Por que havíamos nós de negar aos perseguidores religiosos reflexões de brandura e caridade; aos

perseguidos, consolações que o Evangelho nos manda lhes prodigalizemos, fazendo suspender os muitos golpes, que a intolerância e o fanatismo estão sempre a ponto de descarregar?" (17).

2.2. No Rio Grande do Sul, 1ª estada desde 1862-64.

Segundo os dados seguros colhidos no Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Porto Alegre pelo P. Ruben Neis e ainda conforme os coletados pelo P. Arlindo Rubert em Caçapava do Sul e Santa Maria, a partir de consultas escritas, podemos dizer com certeza que Santos Saraiva teve, aos 23 de junho de 1862, a sua nomeação de vigário encomendado - portanto amovível - da Paróquia de São Francisco de Paula de Cima da Serra e, da mesma forma, aos 24 de novembro de 1863, da Paróquia de São Sepé, onde pelo jeito não se demorou mais do que alguns meses 1864 a dentro. Da produção literária, publicada no periódico diocesano "Estrela do Sul", do Santos Saraiva de 1863 diremos algo na última parte deste trabalho. Aqui nos interessa fixar, por motivos de um melhor entendimento da evolução espiritual de Santos Saraiva, que ele, em S. Francisco de Paula, teria escrito uma obra sobre as Origens do Cristianismo, mostrando-se nela contrário ao Concílio Vaticano I e defendendo a primitiva constituição liberal" da Igreja (18). Teria ficado inédito esse texto, quiçá desaparecido na voragem dos tempos...

Não podemos deixar de indicar aqui o anacronismo do assunto, quiçá um cochilo dos biógrafos de Santos Saraiva. É que o Vaticano I apenas foi anunciado em 1867 por Pio IX de público e realizado desde o dia 8 de dezembro de 1869 a 20 de outubro de 1870. Aachamos também que tal indicação nem sequer valeria para o "Syllabus" de 8 de dezembro de 1864...

Sacramento Blake, referindo-se a esse escrito, que chama de "Origens do Cristianismo", diz que nele "os Strauss, Renan e outros escavadores da história religiosa teriam refutação esclarecida e enérgica, se ela (a obra) fosse publicada" (18 bis). Observáramos que isso é possível, mas, a partir dos conceitos emitidos posteriormente por Santos Saraiva sobre o "Cristianismo", máxime nos primeiros capítulos de seu "O Catolicismo Romano...", primeira parte, chega a duvidar-se ao menos de que "Origens do Cristianismo" teria conseguido um resultado tão estrepitante.

Achamos também pouco provável que Santos Saraiva tenha feito investigações botânicas e mineralógicas na Serra dos Tapes, a partir de S. Francisco de Paula como querem os mesmos biógrafos dele. Admitindo-as, diríamos que elas eventualmente se teriam feito mais viáveis desde São Sepé... Parece-nos isso mais verossímil.

Visto que também haja quem indique Santos Saraiva como "vigário" de Vacaria, achamos oportuno dizer que, naqueles tempos, juridicamente a Paróquia de S. Francisco de Paula de Cima da Serra pode ter incluído parte geográfica do que ao depois se fez da de Vacaria. Valha isso apenas como hipótese de trabalho e pesquisa, a que nós mesmos aqui não queremos responder!

2.3. Em Portugal desde 1865 a 1870?

Por volta de 1865 Santos Saraiva tornou à sua pátria lusa e foi ao mesmo tempo em viagem de recreio e de estudos. Diz quanto a isso, inicialmente de forma um tanto poética, "O Catolicismo Romano...":

"Recordando-se mais tarde de sua saudosa pátria, dos lugares queridos em que passara a infância, em que vira florescerem em seu peito as ilusões do futuro e a esperança de glória, resolveu seguir para Portugal em viagem de recreio e estudos.

Em Lisboa passava o tempo entregue aos estudos filológicos, freqüentando a Biblioteca Nacional, cujos antigos manuscritos literários investigava com ardor. Aí, com a sua sistemática modéstia, e profundas dissertações, confundia os mais notáveis sábios da época, os quais, atônitos, o interrogavam sobre as novas teorias. Os literatos das Academias Portuguesas, convencidos do seu valor, e maravilhadados pelos conhecimentos que ouviam ao padre desconhecido, prestavam-lhe inequívocas provas de homenagem e veneração. De espírito demasiado esclarecido, censurava com critério os filólogos nacionais e estrangeiros, que, pouco escrupulosos, entregavam os seus escritos à publicidade, muitas vezes eivados de erros" (19)...

Por verdadeiras e justas que talvez sejam essas expressões encomiastas do biógrafo, parece-nos contudo que tal atitude da parte de Santos Saraiva, tido por muito modesto, teria que passar em breve da admiração para a animosidade em muito filólogo luso e, com isso, gerar-lhe um clima intelectual insustentável por longo tempo...

2.4. Na Capital do Império Brasileiro ou no Rio de Janeiro.

Sacramento Blake afirma que, em Lisboa, Santos Saraiva chegou a confundir mais de uma vez os semi-sábios, "rindo-se dos equívocos em que os apanhava" (20). Ora, não se confundem impunemente a intelectuais, sejam embora apenas "semi-sábios"!...

Eliézer, com fino tato, suspeita disso ao dizer em "O Sábio das Picadas":

"Fosse porque o ambiente intelectual de sua terra lhe desagradasse, ou fosse porque sentia já um irresistível apego à terra brasileira, que mais tarde adoptou por sua, o certo é que curta foi a sua permanência em Portugal, e cerca de 1870 ou 1871 voltava ao Brasil" (20 bis).

Nós mesmos somos convictos de que Santos Saraiva já se encontrava no Rio de Janeiro em 1870, ao menos, como se pode ver a partir da "Memória" apresentada a S. M. o Imperador, da qual falaremos logo abaixo. Antes disso, porém, vejamos o essencial quanto à vida e obra de Santos Saraiva no Rio de Janeiro dos anos de 1870 a 75, mais ou menos; é assim que "O Catolicismo Romano..." o refere:

"De volta ao Brasil, em 1871 e 1872 (!), as gazetas e diários lembraram-se dele, dedicando algumas colunas ao seu modo singular de vida e ao seu inexcedível preparo.

Por um honroso convite de Dom Pedro II, que desejava ouvir-lhe alguma coisa sobre o hebraico, o sr. Saraiva, trajando com esmero (!), mas singelamente, apresentou-se no Paço de São Cristóvão, fazendo-se notado pela prevenção contra as formalidades da hierarquia, com as quais não se conformava o seu espírito lhano e liberal.

Conduzido ao gabinete particular, o Imperador acolheu-o com a mais respeitosa cordialidade, como se fossem velhos conhecidos e amigos, excusando-se tacitamente de receber, durante a conferência, as entrevistas que se lhe solicitassem.

- "Agora", disse, "o sr. é o padre Saraiva e eu Dom Pedro; nada de formalidades; vamos conversar, e diga-me com franqueza, o que pensa de meus estudos".

Cerca de duas horas estiveram juntos, discorrendo sobre as línguas vivas e mortas, expondo ele ao Imperador teses de sintaxe e os meios de interpretar os trechos mais emaranhados das línguas orientais.

A conferência terminou e o Imperador teve sobejas ocasiões de enaltecer os merecimentos do sr. Saraiva, e dizer que, em todas as suas viagens excursionais, nunca se lhe deparou um vulto mais extraordinário e eminente.

Também o sr. Saraiva não foi menos grato, e referia sempre, com frases quentes e encarecedoras, a ilustração e a popular simplicidade do monarca.

Sua fama então divulgou-se logo, e o seu nome, começou a ser pronunciado com respeito pela imprensa e admirado pelos homens de instrução" (21).

Notemos que então Santos Saraiva ainda não se tinha desligado do exercício sacerdotal e por isso o biógrafo, observando que ele se apresentara ao Imperador "trajando com esmero", mas singelamente, sugere-nos que não tenha sido de "batina": o que na época parece pouco provável...

Essa visita e entrevista imperial, como suspeitamos, teve mais duas conseqüências dignas de menção: a primeira, mais próxima, diz respeito à "memória" apresentada pelo Padre Saraiva à Sua Majestade o Imperador e intitulada "Acerca da necessidade e utilidade do estudo das línguas bíblicas no Império do Brasil, como poderoso auxílio das Ciências e da Filologia". Segundo Sacramento Blake ela vem datada "do Rio de Janeiro, 12 de junho de 1870" e foi publicada em o "Eco (Eco) Americano", tomo 1º, pgs. 398 e 435, e tomo 2º, pgs. 30, 47, 71, 94 e 123. A segunda, mais remota como achamos, importou para Santos Saraiva na nomeação de Reitor do "Colégio Dom Pedro de Alcântara".

Informa, quanto a isso, o biógrafo de Santos Saraiva:

"Foi reitor do importante "Colégio D. Pedro de Alcântara", estabelecido no Botafogo (Rio), o qual contava cerca de trezentos alunos internos, e se distinguia pela rigorosa disciplina e hábil direção intelectual.

Por essa ocasião, tendo feito um contrato com o sr. Garnier, empenhou-se na elaboração do conhecido Dicionário Latino, logrando vê-lo concluído ao fim de cinco longos e laboriosos anos" (22).

Trata-se, sem favor, da obra máxima na vida de Santos Saraiva e sua conclusão incidiu pelo ano de 1875, embora a impressão do monumental "Novíssimo Dicionário Latino-Português" só se terminasse em 1881, em Le Havre, pela Tipografia Garnier Irmãos de Paris. As últimas provas tipográficas foram corrigidas, porém, já em 1879 e, nas próprias Picadas do Norte, pelo seu autor...

O "Eco Americano" publicou ainda, da pena de Santos Saraiva, em 1871, "O Livro de Hhanokh", acerca da amizade, traduzido do hebreu, em seu 1º tomo, pgs. 174 e 200.

Em 1872 apareceu no prelo o "Novo Método de gramática latina para uso das escolas da Congregação do Oratório pelo Padre A. P. de Figueiredo", em novíssima edição melhorada e consideravel-

mente aumentada pelo presbítero F. R. dos Santos Saraiva, Rio de Janeiro.

Como se vê, em tão pouco tempo um imenso trabalho!

2.5. Em Santa Catarina, desde 1875 a 1891, nas Picadas do Norte.

A confecção do dicionário latino-português, que fora o maior empreendimento de sua vida, importou para a pessoa do próprio Santos Saraiva em esgotamento nervoso, crise "sacerdotal", desilusões financeiras, retirada da sociedade, abandono do ministério presbiterial-romano e desaparecimento "incógnito" nas Picadas do Norte, em Santa Catarina. Diz-nos Sacramento Blake, que ele "embrenhou-se num deserto de São José, onde escrevia dia e noite (!), sendo designado o "misterioso". Barba longa, enorme chapéu de couro, ninguém o suporia um padre"(23). De fato Santos Saraiva parou e teve que parar de escrever, por longos anos, dedicando-se de todo à agricultura!...

Em "O Catolicismo Romano..." diz seu biógrafo:

"Para readquirir o seu primitivo vigor, resolveu afastar-se do centro populoso e extenuante (do Rio!), para ir respirar os perfumes e fruir a saúde nos bosques da província de Santa Catarina, onde comprou uma modesta herdade nas Picadas do Norte, município de São José.

Tal o tédio que votou à Corte, que, para mais breve se ver livre dela, se desfez de sua querida biblioteca, dando e vendendo os seus livros raríssimos, por preço insignificante, só conservando aqueles, de que julgava precisar em sua nova vida"(24).

Conforme nota Eliézer dos Santos Saraiva, em comentário assinalado por dois asteriscos, na mesma página acima, aquilo "eram meia dúzia de tratados, que versavam sobre agricultura, cultura de abelhas, mecânica prática e medicina doméstica"... Em nota imediatamente anterior, marcada de um só asterisco, observa o mesmo Dr. Eliézer:

"A Casa Garnier aproveitou-se desse estado precário de saúde (do Santos Saraiva!), para induzi-lo a se desfazer dos direitos de propriedade sobre a obra, em troca de tão irrisória compensação (eram oito contos de réis!). Queixava-se ele sempre da conduta que para com ele tivera aquela casa editora".

E continua seu biógrafo, dizendo:

"Em sua nova casa passava ele o tempo a divertir-se com os labores agrícolas, como uma reminiscência dos dias felizes de sua

infância, ao lado dos seus saudosos pais. Aqui, de enxada às mãos, ao romper da aurora, ia revolver a terra, que lhe devia proporcionar os meios de subsistência; se uma árvore devia ser cortada, um tronco aparelhado, uma parede concertada, era ele, ele próprio, o diretor do colégio, o amigo do Imperador, o padre teólogo, o escritor, o filólogo, enfim, que ia, à custa de seu suor, fazer aquilo que para outrem seria desprezível - o trabalho.

Os mesmos utensílios de que se servia, sabia fazê-los com o capricho e paciência, porque o impeliavam o poder de vontade e a energia de um espírito culto"(25).

E assim continuou ele sua vida até por volta de 1887, quando passou a dar contribuições a vários jornais de Florianópolis (Desterro!), de caráter literário, mas sobretudo também de caráter político-republicano, ou, como diz seu biógrafo, "dissertando, com ardor e profundidade, sobre a nova forma de governo. Como a sua maior aspiração era ver implantada no Brasil uma República, baseada nos sólidos e sãos princípios do liberalismo, pugnava, com veemência, pela separação da Igreja do Estado, proclamava a liberdade de cultos, e combatia o ultramontanismo"(26). E conclui:

"Era, pois, um baluarte poderoso do ideal republicano, e, entretanto, ao ter conhecimento de que, na célebre noite de 15 de julho de 1889, se tinha atentado contra a vida de Dom Pedro II, registrou, nas colunas do "Jornal do Comércio", um artigo vibrante de protesto, dando a mais frisante prova de sensatez e justiça. Assim terminava ele:

- Deus se condoa do Brasil, que tão bem fadado parece ter sido, para de futuro, ser, no continente americano, um brilhante exemplar de prosperidade, tanto material, como moral. Deus conceda aos dois irmãos, monarquistas e republicanos, os sentimentos de paz e harmonia, tão necessários para viverem felizmente e prosperarem, recostados ao seio da mãe comum"(27).

Santos Saraiva só conseguira viver no sigilo ou na vida rústica pelo espaço de alguns anos, sendo que provas do seu "Dicionário Latino-Português" vieram traí-lo à certa altura. No Rio de Janeiro era só um confidente seu que sabia do seu paradeiro e a ele Santos Saraiva havia proibido expressamente revelar o sítio onde residia... "Conta-se", diz "O Catolicismo Romano...", em nota assinalada por asterisco, "que tendo o agente do Correio em S. José, Santa Catarina, recebido as provas do "Dicionário Latino", e não tendo compreendido de que se tratava, suspeitou que fosse correspondência para algum moedeiro falso, pelo que as apreendeu e as entregou

ao Delegado de Polícia, que por sua vez obteve do Vigário da paróquia, o padre Francisco Pedro da Cunha, que se tornou depois amigo íntimo de Santos Saraiva, o necessário esclarecimento sobre o caso. E assim o sigilo, com que o autor do "Dicionário Latino" desejava cercar a sua pessoa, não pôde ser mantido"(28).

Sendo esta nota de Eliézer dos Santos Saraiva, autor aliás de "O Sábio das Picadas" e coautor de "O Catolicismo Romano...", tivemos interesse em saber quando ele teria nascido e quem sua genitora... Não encontrando tais dados em qualquer fonte impressa, dirigimo-nos à distinta sra. dona Lígia dos Santos Saraiva, que nô-los concedeu de boa vontade. Assim, informou-nos ela por escrito, o Dr. Eliézer, seu defunto esposo, havia nascido no dia 13 de novembro de 1880 e falecera aos 19 de junho de 1944, depois de casado desde o dia 11 de julho de 1938. Sua genitora era Ana Felícia dos Santos Saraiva, falecida em 1934, na Capital paulista. Irmãos ele não os teve, a não ser uma meia-irmã, nascida alguns anos antes da mesma dona Ana Felícia.

Da mesma distinta informante soubemos que os restos mortais tanto de Francisco R. dos Santos Saraiva, como de dona Ana Felícia e do Dr. Eliézer, descansam hoje no cemitério de São Francisco de Assis, em Florianópolis, para onde foram transferidos de São Paulo. Sob o ponto de vista religioso pertence ela à Igreja Presbiteriana de Florianópolis, sendo que o Dr. Eliézer parece ter feito parte da Igreja Unida de São Paulo até 1934.

Quando da passagem e comemoração do centenário de nascimento de Santos Saraiva, em 1934, seu filho mandou colocar "no chão do rústico solar, que lhe serviu de refúgio", uma pedra com placa de mármore e a seguinte inscrição:

"Cent. do Nasc. de F. R. dos Santos Saraiva, 22-fev.-1834-1934. Aqui viveu, plantou e escreveu. Homenagem do Eliézer"(29).

Como se diz nesta mesma nota, associou-se também a essa comemoração o Prefeito Municipal de S. José, o sr. João Machado Júnior, por decreto de 22 de fevereiro de 1934, dando ao trecho da via pública, no Distrito de João Pessoa, que vai da Rua 21 de Maio até às imediações da residência da família Cruz, o nome do Santos Saraiva.

2.6. Novamente no Rio Grande do Sul, desde 1891 a 92.

"Verificados os acontecimentos de 15 de novembro (de 1889!)", diz o biógrafo em "O Catolicismo Romano...", "obteve

(Santos Saraiva) o diploma de eleitor, por isso que era brasileiro naturalizado e de coração, e continuou a colaborar assiduamente na imprensa, escrevendo muito na "Gazeta do Sul" e outros periódicos, até que, pelos desmandos cometidos nos primeiros anos, compreendeu que estava numa forma de governo que, embora tivesse aparência, nada tinha de comum com a República que pregara.

Desde então abandonou a imprensa, e achou mais prudente procurar outro meio de vida. Seguiu para Pelotas (Rio Grande do Sul), onde lecionou no "Ateneu Pelotense" e no "Colégio Evolução", até 1892, época em que decidiu estabelecer-se nesta Capital (Paulistana), aonde chegou a 20 de maio"(30).

Poderia perguntar-se aqui pelo porquê da escolha do Rio Grande do Sul e neste de Pelotas?!... Seria por causa da experiência anterior feita pelo Santos Saraiva nas paragens gaúchas? Seria em atenção ao espírito "farrapo", republicano, liberal e lhano da nossa gente sulina?

Quanto a Pelotas deve-se lembrar que ela, então, era um centro cultural, senão superior, ao menos igual ao de Porto Alegre. Fazia-se lá bastante em favor da Instrução a partir de sentimentos "humanitários". Talvez também exercesse certa atração o liberalismo e mesmo o espírito maçônico ali reinante...

Isso, porém, são hipóteses ou tentativas de ambientação, que não nos oferecem quaisquer certezas a respeito da escolha de Santos Saraiva do Rio Grande do Sul e, em especial, de Pelotas. Mais, quanto a isso, veremos na última parte deste trabalho.

2.7 Em São Paulo, desde 1892 a 1900.

Retirando-se de Pelotas, RS, talvez por novas desilusões "republicanas", pois estava-se em vésperas da Revolução Federalista ou dos Maragatos, Santos Saraiva demandou a capital paulista, para onde chegou a 20 de maio de 1892.

Eis o que diz o seu biógrafo quanto a isso:

"Tendo má impressão da cidade pelas informações que lhe deram da carência(!) da vida, deliberou retirar-se para o Rio. O rev. Chamberlain, porém, que em 1888 o havia procurado em sua herdade de Santa Catarina, para lhe confiar a revisão da tradução da Bíblia, missão que não levou a efeito, persuadiu-o a que ficasse, obtendo-lhe o lugar de professor na Escola Americana, de onde mais tarde foi transferido para o Mackenzie"(31).

Neste tradicional estabelecimento de Ensino Médio e hoje até Superior, Santos Saraiva lecionou, com muita competência e dedicação, as diversas disciplinas escolares, como Português, História Universal, Literatura Portuguesa e Bíblica, e Latim.

Citemos mais uma vez, para esses tempos ou anos, seu biógrafo em "O Catolicismo Romano...", onde se diz:

"Em 1896, se não nos falta(!) a memória, o sr. Saraiva colaborou no "Suplemento Literário do Correio Paulistano", e sustentou, pelas colunas de "O Estandarte", com o sr. Tilly, pastor metodista, uma acre discussão sobre a interpretação de trechos bíblicos, em hebraico, confundindo-o com a sua vasta erudição.

Vivia afastado da sociedade, encerrado na sua biblioteca, e trajava com uma simplicidade extrema. Fazia passeios vespertinos e ia regularmente à cidade, onde repetidas vezes o surpreendíamos a manusear livros, na biblioteca da Academia, ou nas livrarias.

Dias e noites passava-as a ler e reler os clássicos, que lhe eram favoritos, e tinha de memória capítulos enormes de escritos seletos das melhores obras nacionais e estrangeiras. Tivemos ocasião de ouvir-lhe recitar um Salmo em hebraico, com a mesma facilidade com que lemos uma poesia nacional.

De 1894 a 1895 traduziu, diretamente do hebraico, em versos soltos, com linguagem clara, enérgica e florida, os Salmos de Davi, anotando e anexando ao fim uma discussão sensata e caprichosa de cada um. Esta obra importantíssima, que se denomina "Harpa d'Israel", e que evidencia a riqueza e harmonia de nossa língua, quando manejada por mestre, se entrelaça de frases encantadoras e comoventes. Foi publicado em 1898 pelo seu editor rev. Chamberlain"(32).

Diz seu filho, o Dr. Eliézer, então idoso de quase vinte anos:

"Entrava também nos seus planos a elaboração de um Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, mal servida de obras de tal natureza, por isso que não correspondiam aos últimos progressos das conquistas da Filologia e da Ciência da Linguagem. Deixou apenas algumas notas referentes à letra A, mas hoje quase ilegíveis, por tê-las escrito a lápis.

Esse dicionário, que seguiria a orientação do de Augusto Brachet, seria muito mais desenvolvido do que o da língua francesa, e, diferente de todos os demais trabalhos lexicográficos da língua portuguesa, deveria ter como diretriz a história e a genealogia dos vocábulos.

Parece que a preocupação com essa obra gigantesca contribuiu para que se abreviassem os seus dias.

Minado por pertinaz enfermidade, que lhe ia corroendo a existência, desde abril de 1900, veio a falecer a 3 de julho, em um solitário aposento do Hospital Samaritano, cercado do conforto de seus colegas de magistério e de alguns de seus discípulos que o estimavam"(33).

Diz o filólogo Napoleão Mendes de Almeida, em sua "conferência-artigo" sobre "Saraiva":

"...Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva fecha para sempre os olhos, completamente reconciliado com o passado intelectual e com o sentimento de Cristandade(!)".

3. A dupla presença de Santos Saraiva no Rio Grande.

Certa a constatação de que F. R. dos Santos Saraiva esteve por duas vezes no Rio Grande do Sul. E desta sua dupla passagem por terras gaúchas o estudioso da História da Igreja, das nossas Letras e do nosso Ensino haverá de descobrir vestígios seus. Alguns deles acham-se descobertos pelo autor deste trabalho, com a preciosa colaboração de vários colegas seus. Outros ainda esperam a sua vez ou até que pesquisadores dedicados os busquem e encontrem. Aqui, pois, sucintamente algo do que nos foi dado descobrir sobre uma e outra estada de Santos Saraiva entre nós, na segunda metade do século XIX.

3.1. Em S. Francisco de Paula e São Sepé.

Da presença e passagem de F. R. dos Santos Saraiva em e respectivamente por S. Francisco de Paula, chegamos a ter a primeira notícia ao folharmos o 2º volume de "A Estrela do Sul" (periódico consagrado aos interesses da Religião, sob os auspícios de Dom Sebastião), Porto Alegre, 1863-64. É que nele se acham diversos trabalhos poéticos, ascritos pelo "vigário" ou presbítero F. R. dos Santos Saraiva e datados de "Cima da Serra".

De fato teve ele sua nomeação como "vigário encomendado" (amonível ou não-colado) de S. Fr. de Paula de Cima da Serra a 23 de junho de 1862 e lá deve ter-se encontrado menos de ano e meio, pois, na data de 24 de novembro de 1863, já ocorreu sua nomeação para cargo idêntico em São Sepé. De suas "poesias", citadas também em boa parte por Balduino Kipper na bibliografia, queremos mencionar especialmente as seguintes, por nós levantadas naquele periódico como sendo da autoria de Santos Saraiva; ei-las:

- "**Confiai na Providência**" (Imitação), em "Estrela do Sul", ano II, nº 3, 18/10/1863, p. 23-24, datada de "Cima da Serra, maio de 1862"; "**Ato de contrição**" (Soneto), datado de 6 de outubro de 1861 e subscrito simplesmente por "O Vigário F. R. dos Santos Saraiva", ibidem, 29/11/1863, p. 71; "... **O verdadeiro exemplo da caridade só Jesus o dera**" (Soneto), datado de 17 de nov. de 1862 e impresso ibidem aos 3 de janeiro de 1864; "**Consummatum est**", datado de "Cima da Serra", 2 de setembro de 1862 e dedicado "à memória da visita do Exmo. e Revmo. Sr. D. Sebastião Dias Laranjeira, Bispo do Rio Grande do Sul, etc. aos Santos Lugares", ibidem 21 de fevereiro de 1864, p. 157 a 158.

Pelo fato de a expressão "Aos Santos Lugares" achar-se impressa em negrito e bastante relevo, há quem, assim impresso, desse a esse poema o nome de "Terra Santa" ou mesmo "Lugares Santos"... É com acerto que Eliézer dos Santos Saraiva, em "O Sábio das Picadas", chama esse poema de "Consummatum est", que é aliás realmente belo. Cremos, porém, que erre ao dizer que foi escrito em 1863(!), em S. Francisco de Paula(34).

A subscrição de várias poesias, acima citadas, nos sugere a presença de Santos Saraiva em S. Francisco de Paula anterior à data de sua nomeação para vigário encomendado em dias de 23 de junho de 1862. Cremos que isso seja possível, pois pode ter-se achado lá, em tempos anteriores, quiçá diversos meses, com simples nomeação "provisória"...

3.2. Em São Sepé.

Foi o competente historiador P. Arlindo Rubert, que, em sua obra "As Freguesias de Caçapava e de Santaninha", nos chamou a atenção para a presença de Santos Saraiva em São Sepé. Fê-lo indiretamente ao se referir ao pároco colado P. João Batista Mór, dizendo:

"Desde 26 de setembro de 1854 até 1863 foi Pároco da Freguesia de São Sepé, onde foi substituído pelo P. Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, autor do célebre Dicionário Latino" (Op. cit. p. 78).

Em seu livro intitulado "A Diocese de Santa Maria" observa o mesmo competente autor, à página 48, ao falar da Paróquia de S. Sepé:

"P. Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva (1863-1864), nomeado por Provisão de Dom Sebastião Dias Laranjeira, de 24 de novembro de 1863. É o célebre autor do afamado Dicionário Latino-

Português. Havia sido pároco(!) de São Francisco de Paula e de Vacaria”...

Sob “Expediente do Bispado”, “A Estrela do Sul” de 29 de novembro de 1863 informa-se à pg. 72:

“Idem (por Portaria) nomeando Vigário Encomendado da Freguesia de S. Sepé por tempo indeterminado o Revdo. Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, Sacerdote Português, em virtude do Aviso expedido pelo Ministério dos Negócios do Império em 30 de julho do ano passado”.

Notemos aqui a necessidade de dupla nomeação, por assim dizer, para a ocupação de algum cargo eclesiástico no tempo do Brasil-Império, em sua união de Igreja e de Estado!

Da situação religiosa encontrada por Santos Saraiva em sua nova paróquia, podemos ter uma idéia a partir do que a “Estrela do Sul”, de 10 de junho de 1864, publicou sob o título “Visita pastoral de Sua Excia. Revma. no centro e oeste de sua Diocese” (nº 39, em continuação do número 37), ao relatar sobre São Sepé:

“Partimos da Cachoeira na manhã do dia 23 (de janeiro de 1864!) em direção a São Sepé. O caminho tem boas quatorze léguas, porém só pudemos vencer a metade antes de anoitecer. Porque o caminho cavado pelas recentes chuvas e serpeando por uma vasta campanha muito cheia de barrancos, de ribeiros e colinas, não nos permitiu adiantar a viagem. Sua Excia. e sua comitiva ocupavam dois pequenos carros a três cavalos, uma carreta também puchada (puxada!) por três burros conduzia a bagagem, muitos de nossos companheiros iam a cavalo, e levávamos diante de nós uma cavalhada de mais de sessenta animais para as mudas que se faziam de três em três léguas.

Depois de atravessar o Jacuí em um pontão, e um ou dois arroios, chegamos de noite à casa de um capataz que permitiu-nos aí pernoitar como pudéssemos.

Estava bem longe de ser um palácio; apenas havia um quarto disponível, e este mesmo estava tão sujo e impregnado do mau cheiro de ratos e de mofo que Sua Excia. preferiu dormir ao ar em um dos carros.

Os nossos companheiros se arranjaram como puderam no chão, ou em algum canto. Outros preferiram deitar-se ao ar, mas uma chuva bastante forte que sobreveio durante a noite os fez sem dúvida arrepende-se.

Levantamo-nos pela madrugada porque nossos leitos nada tinham de agradável que nos pudesse reter, e pusemo-nos a caminho com a mesma equipagem como de véspera. Um dos guias adiantou-se a galope para anunciar em São Sepé a nossa próxima chegada.

Foi bem triste a nossa recepção em São Sepé: ou fosse por indiferença da maior parte de seus habitantes, ou porque, como disse o jovem (!) pároco, apenas havia um mês que ali se tinha instalado(!), a notícia da visita do Bispo não tinha tempo de poder espalhar-se.

Sua Excia. ali chegou e foi diretamente conduzida a uma casa ainda não acabada, onde à pressa haviam posto alguns leitos e móveis de primeira necessidade.

O professor do lugar, o sr. Albano de Melo e Costa, mostrou-se todavia cheio de atenções para com o Prelado. Foi o único que veio ao nosso encontro na passagem do Rio São Sepé, e acompanhou-nos até à povoação pedindo mil desculpas. De sua parte fez todo o possível em fazer-nos esquecer a frieza universal. Foi quem nos mandava preparar em sua casa, e enviava-nos o alimento necessário, e se todos os habitantes de São Sepé (Nota, indicada por asterisco: São Sepé, o mesmo que São José, segundo a pronúncia da língua guarani, ficou dando nome àquela Paróquia), tivessem mostrado a mesma boa vontade deste digno cavaleiro, teríamos menos motivo de constriar-nos.

São Sepé não passa de uma pequena povoação contendo quando muito duzentos habitantes, se bem que toda a freguesia se componha de dois a três mil, espalhados sobre uma vasta extensão de campanha.

A igreja parece mais um miserável telheiro, do que um edifício consagrado ao culto de Deus, no qual nada há de bom senão uma bela imagem de Nossa Senhora, colocada em um nicho sobre o altar. Apesar de pobre e pequena como é, os habitantes se gloriam de havê-la edificado à sua custa. Assim quisessem eles ao menos enchê-la!

Poderá talvez conter cem pessoas; quando Sua Excia. com o coração entristecido nela entrou pela primeira vez no domingo da Septuagésima para fazer a visita e celebrar o santo sacrifício, achou quando muito uma dúzia de pessoas presentes, quase todas mulheres, três ou quatro senhoras, e algumas pretas! Pelo que no pequeno discurso que Ihes fez ao evangelho, o Prelado não pôde deixar de dizer o pesar que sentia em ver uma tão grande indiferença religiosa, e tão pouco empenho em virem receber a bênção do primeiro pastor.

Todavia devo dizer que durante o dia Sua Excia. recebeu a visita de alguns dos notáveis que se desculparam com mais ou menos razões..." (Op. cit. p. 311-312).

Na mesma página 312, a "Estrela do Sul", sob "Expediente do Bispado", informa para o dia 4 de julho daquele ano de 1864:

"Idem (ofício) ao Revdo. Vigário Colado da Vila de Caçapava, dizendo-se, em resposta a seu ofício de 20 do mês p. findo, que fica autorizado para reger a Freguesia de São Sepé, enquanto ela se achar sem pároco, e administrar todos os Sacramentos aos respectivos povos, de conformidade com as leis civis e canônicas"...

Em sucinto comentário parece-nos lícito deduzir que o "jovem pároco", "instalado havia apenas um mês em S. Sepé" e de lá sumido alguns meses depois, deve ter sido Santos Saraiva... Entende-se o que ele mesmo deva ter sentido e sofrido à vista de tanta decadência religiosa em São Sepé e que era difícil não desanimar em tais condições.

Em "O Sábio das Picadas", o Dr. Elfézer nos conta o episódio significativo, que deve ter incidido naqueles tempos de fins de 1863 e começos de 1864; ei-lo transcrito:

"De outra feita, na mesma Província (do RGS), viajava ele de São Gabriel para São Sepé, quando, ao penetrar em uma casa de negócio, à beira da estrada, a fim de comprar alguma coisa, apareceu um indivíduo de má catadura, que, de um modo brutal, atirou uma moeda sobre o balcão dizendo ao dono:

- Dê-me dois vinténs de cachaça!

Sendo-lhe oferecida a bebida, o padre Saraiva recusou e agradeceu. O gaúcho insistiu, e ainda nova recusa. Não notara aquele que o dono do negócio lhe piscava o olho para que aceitasse.

O tal homem voltou à carga:

- Pois há de beber, por bem ou por mal!

Sem perder a presença de espírito, o padre Saraiva sacou de uma pistola, e encostou o cano ao peito do valentão, dizendo-lhe:

- Monte a cavalo, e já! E desapareça destes sítios!

O homem acobardou-se, saltou ao lombo do seu pingo, e deu às de Vila Diogo, com grande estupefação do negociante, que lhe referiu que aquele indivíduo era um atêntico facínora, autor de inúmeras mortes, o terror daquelas redondezas, e que até então não encontrara quem quer que lhe fizesse frente"(35).

Não sabemos pormenores do que se passou entre Dom Sebastião e o padre Santos Saraiva. Certo que a Visita Pastoral em

São Sepé se mostrou sumamente breve, pois, como refere "A Estrela do Sul", em seu nº seguinte, o nº 40, seguiu-se ainda no dia 24 de janeiro daquele ano para Caçapava, distante de dez ou onze léguas de S. Sepé...

3.3. Em Pelotas, de 1891 a 1892.

Nossas buscas, em setembro de 1975, na Biblioteca Pública de Pelotas, revelaram-se menos compensadoras do que haveríamos de esperar. Apesar de havermos folhado diversas coleções de jornal, como os anos inteiros de 1890 a 1893 de o "Diário Popular", "A Federação" e "O ECHO (Eco) do Sul", nada pudemos descobrir neles que nos apontasse qualquer contribuição de Santos Saraiva. Só no "Nacional" (Órgão liberal e da união nacional) descobrimos o anúncio seguinte:

"PROFESSOR

Santos Saraiva

Autor do Novíssimo Dicionário Latino-Português, etc.

Chegado recentemente a este Estado e resolvido nele fixar residência, como professor, estando legalmente autorizado a ensinar Humanidades por título de habilitação, passado pelo governo central da Corte, onde exerceu o magistério, propõe-se a lecionar em colégios ou particularmente qualquer das seguintes matérias de preparatórios:

Português, Latim, Francês, Inglês, Retórica e Poética, Geografia e Cronologia, História, Filosofia, História dos Três Reinos da Natureza.

Recebe propostas na sua atual residência, no Hotel Brasil desta cidade, ou por intermédio da Livraria Americana" (Ortografia atualizada, como em todas as nossas citações e transcrições anteriores).

Pudemos constatar que o mesmo anúncio repetiu-se nas edições de nº 91, 93, 94, 95 e 96 do jornal em foco. Sendo que o "Nacional" o trouxe pela primeira vez, em seu nº 90, de 20 de abril de 1891, ano III, p. 4, podemos deduzir que o advérbio "recentemente" indique ainda algum dia do mês de abril daquele ano. Consta também que Santos Saraiva lecionou no "Ateneu Pelotense" e no "Colégio Evolução" até por volta de maio de 1892.

Oportuno vermos agora o que "O Sábio das Picadas" nos traz da estada de Santos Saraiva em Pelotas, ao relatar:

"Conta-se que, em certa ocasião, o bispo da diocese, D. Sebastião Laranjeiras(!), realizava uma visita pastoral à cidade de Pelotas, e fora ele, o padre Santos Saraiva, escolhido para proferir o discurso de recepção na matriz pelotense, que se achava repleta de numerosa assistência. O orador dirigiu-se, em estilo bem canônico, ao bispo, nos seguintes termos:

- Exmo. e Revmo. Sr. Vigário Ordinário da diocese do Rio Grande do Sul.

Estabeleceu-se tremendo borborinho por todos os ângulos do templo, prestes a explodir em uma onda de protestos. Foi necessário, então, que o padre Saraiva interrompesse o seu discurso, para calmamente explicar que havia empregado uma expressão rigorosamente canônica, e que de modo algum houvera o propósito de menoscabar a pessoa do antístite Rio-grandense.

Esse episódio foi largamente comentado com humorismo, e revelou a pouca cultura e a lamentável insensatez daquele auditorio"(36).

Se esse incidente ocorreu nos anos de 1891 a 1892, o que se nos afigura o mais provável por diversas razões, então teríamos a estranhar a "escolha" "casual" da pessoa de Santos Saraiva, já desligado do ministério sacerdotal, para saudar o então único bispo do Rio Grande do Sul. Dentro do clima anticlerical ou "liberal", como então se dizia, da Pelotas do último decênio do século passado, tal gesto não se precisaria achar muito extraordinário. Neste caso, porém, não se trataria da pessoa de Dom Sebastião Dias Laranjeira, falecido a 13 de agosto de 1888 em Porto Alegre, mas de seu sucessor Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão, empossado aos 20 de setembro de 1890 em seu cargo. São conhecidas as suas visitas pastorais nos três primeiros anos do decênio de noventa.

Conclusão interpretativa.

É tarefa própria do historiador a interpretação, sem o que seu trabalho se reduziria a um simples alinhar de fatos, à maneira positivista. Verdade, no entanto, que a própria escolha dos dados e sua exposição já se constitui, de alguma forma e indiretamente, numa interpretação historiográfica. Aqui pois uma singela tentativa de, da nossa parte, correspondermos a essa difícil e ao mesmo tempo delicada tarefa, a que não podemos subtrair-nos. Cremos, porém, que o leitor inteligente seja capaz de, a partir dos elementos por nós apresentados, chegar ele mesmo à sua conclusão interpretativa, melhor quiçá que a nossa própria.

Constatamos, de início, que em Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, sempre guiados pela verdade, justiça e caridade, estamos diante de uma singular figura sacerdotal, que, pouco a pouco, deixou o seu ministério de presbítero. Mesmo assim é ele "Sacerdote para sempre, segundo a Ordem de Melquisedeque", ou "participante eternamente do único e verdadeiro Sacerdócio de Cristo."

Por que deixou ele seu sacerdócio ministerial?... Ele mesmo, no seu "Manifesto", procurou explicar-nos o porquê de sua decisão, que diz e de fato não foi precipitada. Também no livro "O Catolicismo Romano..." ele se nega à aceitação de uma vocação sacerdotal "divina".

A nós mesmos, embora consideremos tais passos de responsabilidade última de uma consciência livre diante do Deus Altíssimo, não nos satisfaz de todo ou até pouco a justificação própria apresentada pelo padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva, embora a respeitemos, como temos que respeitá-la e esperar até que, no além, tenhamos a resposta definitiva quanto a isso.

Mesmo assim, aprez-nos chamar a atenção do leitor para os seguintes dados "externos", que eventualmente se aproximem de uma explicação interpretativa humana do caso. Dessa forma lembraríamos que Santos Saraiva facilmente teria que ter dificuldades especiais no exercício de seu sacerdócio participado, e por quê?!... Porque nele a consagração "prévia", por seus pais, ao sacerdócio rabínico ou romano, no correr dos anos, tinha que tornar-se um problema a ser respondido. Porque o fato de ele ser cristão novo, na época teria que trazer-lhe dificuldades de um lado ou de outro. Entrevemos quanto a isso problemas especiais, em sua generalidade, para "conversos", que se tornam religiosos ou sacerdotes católicos, conquanto não achemos que eles se apresentem sempre e em toda a linha invencíveis. Porque, ainda, Santos Saraiva nos parece ter fruído de uma formação teológica minada por diversos "ismos", próprios também da Universidade de Coimbra e mesmo de Seminários do nosso Brasil Imperial. A gente poderia perguntar-se: - Foi Santos Saraiva, apesar de sua grande inteligência, longa e diversificada formação científica, bem como dos seus conhecimentos das línguas semíticas já "ipso facto" um competente exegeta dos textos sagrados e um verdadeiro teólogo de visão ampla e profunda? Pelos escritos, vistos por nós, cremos sinceramente ser-nos lícito pôr isso em dúvida.

Porque, ademais, Santos Saraiva teve que viver numa sociedade apenas dita católica, longe de verdadeira e autêntica vida cristã,

no Brasil das mais diversas Províncias ou Estados do tempo do Império brasileiro, respectivamente da nossa República.

Porque, finalmente, Santos Saraiva entrou na sua pior crise religiosa e sacerdotal, a partir de um total esgotamento nervoso. Diz, quanto a isso, seu próprio filho Dr. Eliézer:

“Apesar do feitiço irrequieto de seu espírito, e das desilusões que experimentara em sua vida, o sábio poliglota manteve sempre inabalável a sua fé em Cristo, que confirmara no dia de sua morte, deixando este mundo de misérias e tristezas, firme nos seus anseios espirituais”(37).

Mesmo deixando seu sacerdócio ministerial e abandonando a Igreja Católica, Santos Saraiva, apesar de suas simpatias para com o “Cristianismo” ou Protestantismo, nunca deu seu nome a qualquer Igreja ou Confissão Cristã. Classifica-se “amigo da Humanidade” e por isso, bem como por outras razões, poderia perguntar-se também se deu seu nome à Maçonaria?! Não encontramos, quanto a isso, qualquer texto impresso.

Quando, em 1875, Santos Saraiva foi em busca da paz bucólica, parece que seu estado de saúde ou doença se agravou muito e com isso lhe sobreveio a crise que deu no abandono do exercício de seu sacerdócio. Pergunta seu próprio filho a esse respeito:

“Qual, porém, o motivo que determinou tão extrema resolução? Vivia no Rio de Janeiro, entregue aos seus labores intelectuais, cercado da estima e admiração de seus contemporâneos. Não sofria, ao que conste, a hostilidade, que espíritos de escol costumam amargar, no tumultuar das invejas e do despeito. Vivia entregue às locubrações de seu espírito e a repartir o pão espiritual, pelo exercício do magistério de Humanidades. Não consta que tivesse inimigos. Por que então essa súbita resolução de deixar as vantagens de um meio culto, para procurar outro diametralmente oposto?”

É que sua saúde se encontrava seriamente abalada. Após cinco anos de exaustivo trabalho na elaboração do Dicionário Latino-Português, e desgostoso do convívio social, não porque fosse hostil à sua pessoa, mas porque o era do seu idealismo, começou a sofrer de esgotamento nervoso, que se manifestou em repetidos assaltos. Como consequência, sentiu repentina aversão aos livros e à vida intelectual, desfazendo-se de sua rica e preciosa biblioteca. Renunciou ao sacerdócio católico, pois havia abraçado a vida eclesiástica, e, conservando apenas alguns tratados sobre agricultura e medicina doméstica, deixou o Rio de Janeiro, e dirigiu-se para a

então província de Santa Catarina. Quando partiu da Corte, declarou que ia viver no mato; e a ninguém revelou para onde ia. Apenas conhecia o seu paradeiro um seu amigo e confidente, que se encarregara de lhe remeter as provas do Dicionário Latino-Português, que estava sendo impresso em França, o qual teve a proibição expressa de revelar, a quem quer que fosse, a direção que tomara”(38).

Notaríamos que exaustão e esgotamento nervoso não raro se apresentem como um dos climas mais propícios para crises religiosas e sacerdotais, além de se revelarem até inimigos da própria objetividade científica. Resolver assuntos vitais, no meio de tais crises, em geral dá em conseqüências desastrosas e, por vezes, se resumem numa verdadeira perda de bom senso. Em resumo, Santos Saraiva então se achava possuído de “amargura” como que invencível, e ainda muito tempo depois. E neste estado de espírito qualquer um se torna facilmente injusto e unilateral, vindo a condenar muita coisa que antes não condenaria.

Sem dúvida, teve Santos Saraiva muitas decepções, que se situam no campo da cultura, das ciências, da honestidade (v.g. o tratamento de H. Garnier) ou dos honorários, da política, etc.

Perguntaríamos se Santos Saraiva teria escrito um livro como o de “O Catolicismo Romano ou a Velha e Fatal Ilusão da Sociedade”, se houvera para ele, naqueles tempos, uma solução sacerdotal idêntica à que o Vaticano II trouxe para muitos sacerdotes em situação irregular ou desejosos de sair do exercício sacerdotal por outros motivos?!... Não o saberíamos responder com qualquer grau de certeza, mas é possível e até provável. Certo apenas para nós que Santos Saraiva, através dessa obra, nos faz lembrar de obras tão pouco agradáveis de ler como alguma de Alexandre Herculano, aliás amigo de Santos Saraiva, de Carlos von Koseritz, de Saldanha Marinho e do próprio Rui Barbosa, ou mesmo de Blaise Pascal, Inácio Döllinger e Huberto Rohden. É destruidor, negativo, sarcástico e satírico, unilateral e injusto. “Amargo”, sem dúvida, como ele mesmo concedeu nas citações que dele fizemos logo abaixo de nosso título. Não raras vezes pensamos estar diante de uma personalidade, que não evoluiu ou ficou num estágio de adolescência ou que se rebela contra todas as estruturas da Igreja Romana, a partir de seu próprio desequilíbrio psíquico: em desarmonia consigo mesmo ou “unausgeglichen”, como diriam os alemães.

O problema que Santos Saraiva parece não haver conseguido responder é o do “humano nimamente humano”, quer dizer de fraquezas, na Igreja de Cristo. Condena, quanto a isso, a tudo e todos

na Igreja Romana, esquecendo que ele mesmo, não escapando a fraquezas, pertencia àquela instituição humano-divina, que tanto critica e condena. Pensamos, e não por mero acaso, se não foi também esse o problema, insuficientemente respondido, de outrem, que se desligou da Igreja?!

Foi Santos Saraiva um sacerdote feliz? - Sinceramente cremos que não, pois, para sê-lo, preciso se faz viver em plenitude o sacerdócio, sem o que o sacerdote, como pessoa, pode tornar-se das mais infelizes neste mundo.

Não duvidamos de que o padre e ex-padre Francisco Rodrigues dos Santos Saraiva tenha sofrido muito, imensamente muito, e de que esse sofrimento o tenha feito voltar-se para Cristo, o Homem das Dores e, assim, Salvador da Humanidade. No poema "Consummatum est" diz Santos Saraiva, na primeira parte da terceira estrofe, o que aqui transcrevemos:

"Homem, que buscas na ciência humana
Teu coração felicitar - não creias;
É falsa a fé, de que, mortal, te arreias:
Olha no Gólgota arvorada a Cruz!"